

O “caso” Nunes. Notícia de uma família de ourives de origem portuguesa activa no *Settecento* romano

Teresa Leonor Vale

Resumo Ido de Lisboa em data ainda por precisar mas já certamente em Roma no ano de 1685, Duarte Nunes (1662-1744) foi um ourives português que obteve a sua patente na cidade pontifícia (em 1697) e aí não apenas desenvolveu a sua actividade profissional, como se tornou um membro relevante da poderosa congregação dos ourives romanos e fundou uma família na qual se contam diversos elementos ligados à arte do ouro e da prata. Sendo bem mais frequente a presença, se não de ourives, de obras de ourivesaria italiana no nosso país, esta presença de um ourives português no contexto da Roma barroca não deixa de ser uma interessante excepção, tornando clara a aparentemente fácil integração deste profissional português num ambiente marcado por um elevado nível de concorrência, decorrente do igualmente elevado nível de qualidade das obras produzidas.

Abstract *Duarte Nunes (1662-1744), a Portuguese silversmith who was in Rome by 1685, obtained his patent as a master silversmith in 1697 and became an important member of the Roman silversmiths guild. In Rome he also became the head of a family that counted among its members several silversmiths that ran the family workshop until the middle of the 19th century. Although, as our researches have shown, it is quite common to find pieces of Roman silver in Portugal, this article examines the much rarer (indeed unique) situation of a Portuguese silversmith working in Rome, and throws light on what seems to have been his easy assimilation into an extremely competitive profession, one that produced work of the highest quality.*

Nota prévia

A nossa investigação recente tem sido consagrada ao estudo da presença de obras de ourivesaria barroca italiana em Portugal (e à influência que tais peças tiveram sobre a produção portuguesa do século XVIII). Este texto, porém, propõe-se efectuar como que o percurso inverso daquele que normalmente nos empenhamos em fazer. Desta feita, ocupar-nos-emos de um ourives, ou melhor, de uma família de ourives portugueses que se fixou em Roma e desde a cidade pontifícia desenvolveu uma interessante actividade profissional. Com efeito, num meio caracterizado por uma

forte concorrência e dotado de uma clientela esclarecida e exigente, esta família de ourives portugueses conseguiu manter-se em plena actividade durante todo o *Settecento*, mais concretamente desde os últimos anos da centúria de Seiscentos até ao final da primeira metade do século XIX.

Odoardo Nunez – italianização do nome português Duarte ou Eduardo Nunes – foi um ourives e joalheiro nascido em Lisboa em 1662, que obteve a sua patente em Roma no ano de 1697 (28 de Abril), cidade onde também veio a falecer no mês de Novembro de 1744, e que se constituiu como o patriarca de uma família de ourives nacionais activos na cidade pontifícia

As notícias acerca de Duarte Nunes (que surgem sempre sob a versão italianizada do seu nome, Odoardo Nunez) e da família de ourives a que pertence são, na sua maioria, facultadas pela obra fundamental de Costantino Bulgari¹, depois ampliadas pela edição de Anna Bulgari Calissoni² e, sobretudo pelo conjunto de fontes denominadas “*Stati delle Anime*” recentemente publicadas sob a coordenação de Elisa Debenedetti³.

São aliás estas fontes, agora impressas, que permitem conhecer melhor os laços e solidariedades desta família de ourives de origem portuguesa que desenvolve a sua actividade na Roma do século XVIII.

A actividade de um ourives português em Roma

Duarte Nunes terá nascido em Lisboa e, por motivos que até ao presente permanecem por apurar, terá viajado para Roma, onde, com cerca de 35 anos, obteve a patente de ourives da prata e do ouro e onde desenvolveu a sua actividade, de ourives e joalheiro. Duarte tornou-se também o patriarca de uma família ligada aos ofícios do ouro e da prata, na qual

* IHA-FLUL-CI, Bolseira da FCT

¹ Costantino BULGARI – *Argentieri, Gemmari e Orafi d'Italia*. Vol. II. Roma: Lorenzo del Turco, 1958-1959, p. 205.

² Anna Bulgari CALISSONI – *Maestri Argenieri, Gemmari e Orafi di Roma*. Roma: Fratelli Palombi, 1987, p. 318.

³ Estas fontes correspondem aos registos dos habitantes nas várias paróquias da cidade pontifícia, que se conservam sobretudo no Archivio Storico del Vicariato di Roma, tendo um conjunto de investigadores, procedido ao levantamento de todos aqueles com uma profissão no âmbito das artes (bem como das respectivas famílias) entre os anos de 1700 e 1775, e são, como facilmente se compreende, da maior relevância para o conhecimento dos artistas residentes e activos em Roma durante grande parte da centúria de Setecentos – cf. Elisa DEBENEDETTI, (dir. de) – *Artisti e Artigiani a Roma I, Degli Stati delle Anime del 1700, 1725, 1750, 1775*. (col. *Studi sul Settecento Romano*, Vol. 20). Roma: Bonsignore Editori, 2004, pp. 297, 312, 334, 355, 378, 397, 423.

se reconhecem diversos ourives patenteados, nomeadamente os seus três filhos: Giuseppe (1695-1762), Giovanni Battista (1705-1749) e Antonio (1708-depois de 1780), dois netos – Francesco (1730-depois de 1806), filho de Giuseppe, e Pietro (1747-depois de 1805), filho de Giovanni Battista – e um trineto, Vincenzo (1793-1847).

Chegado a Roma em data ainda por precisar mas decerto anterior a 1685, com alguma probabilidade já detentor de alguma formação no âmbito da ourivesaria, considerando os 23 anos de idade que teria nesta data, Duarte Nunes trabalhou sucessivamente em diversas oficinas de ourives. Assim, em 1688, trabalhava o português na oficina de Biagio Dusè (1654-depois de 1695), em 1690 era lavrante na de Filippo Mastrozzi (1644-1709), em 1692 já o era na oficina de Carlo Tomassetti (1651-1730) e em 1695 na de Andrea Pini (1630-1714), com cuja neta, Giovanna Francesca Monaco, viria a contrair matrimónio.

Para a obtenção da patente de ourives teve Duarte Nunes de submeter-se a provas, como estabelecia o capítulo nono dos estatutos da corporação dos ourives romanos. Com efeito, o capítulo nono é consagrado ao *“Modo da Osservarsi nel promuovere alla Patente Li Lavoratori, si Romani, che Forastieri”* e nele, após a menção à necessidade de, todo e qualquer candidato à patente, ter de ser reconhecidamente um homem de honestidade atestada pelo magistrado local, podem ler-se os restantes requisitos *a priori*: *“debba provare aver fatto il fattorato in bottega di qualche Maestro al meno per quattro Anni, ed esser stato patentato dalla Congregazione de Lavoranti, ed essersi esercitato in tale stato almeno per trè Anni in Bottega di qualche Maestro se Romano, se poi sarà Forastiero debba provare, oltre L’esser stato ammesso dalla Congregazione de Lavoranti, aver Lavorato in Bottega de Maestri per Anni cinque ad effetto si possa avere qualche saggio della Sua abilità, et integrità.”*⁴

Preenchidos estes requisitos, deveria então o candidato à obtenção da patente de ourives, apresentar-se, acompanhado pelo mestre da oficina em que praticara, aos mestres e oficiais da corporação dos ourives romanos e efectuar o pagamento do montante de vinte e um escudos ao Camerlengo. Se o candidato fosse estrangeiro, como era o caso de Duarte Nunes, deveria fazer-se acompanhar dos documentos que comprovassem a sua prática em oficina e pagar a quantia de trinta escudos⁵.

⁴ ARCHIVIO STORICO DI S. ELIGIO DEGLI OREFICI (Roma), *Nuovo Statuto del nobile collegio dell’Orefici ed Argentieri di Roma*, (...), fl. 7-7v.

⁵ Se, por outro lado, se verificasse a circunstância do candidato ser filho de ourives patenteadado bastaria apresentar-se aos cônsules e pagar a quantia de onze escudos, cf. *idem*, fl. 7v.

O candidato – romano ou estrangeiro, filho de ourives ou não – deveria seguidamente prestar provas, as quais consistiam na realização de uma obra, que seria depois apreciada e avaliada pelo Camerlengo e cônsules da corporação “*per riconoscere se egualmente all’abilità dell’operare, abbia La peritia, e capacita di tutto cio, che conviene al suo mestiere, qual esame consista se il Pretendente è Gioieliere in farle stimare diverse pietre fine, e false, Ligate, e sciolte, e fargli toccare diverse qualità di oro per riconoscere com questi esperimenti La sua Capacità, se Argentiere se Li facciano ciappolare diverse sorti di Argenti, et interrogarlo sopra ddiverse fatture de Lavori concernenti al suo mestiere, a fine di riconoscerlo meritevole in passar Maestro (...).*”⁶.

Obtida a patente a 28 de Abril de 1697, tendo prestado provas apresentando um anel com dois diamantes, pôde Duarte Nunes, a partir de 1698, dirigir uma oficina própria, sob a insígnia do Mundo, em sociedade com Andrea Pini – ourives oriundo de Pisa, patenteado em Roma desde 1671 e em cuja casa residira Nunes desde 1685. Verificando-se a circunstância de trabalharem os dois ourives numa mesma oficina pagavam apenas um escudo à corporação dos ourives. De facto, o capítulo décimo dos já supra mencionados estatutos dos ourives romanos estabelecia precisamente a necessidade de pagamento anual de um escudo por parte dos seus membros⁷.

Só em 1708 passou Duarte Nunes a assumir sozinho a direcção da oficina. Deve todavia referir-se que, mesmo antes de obtida a patente, concretamente entre os anos de 1696 e 1699, já Duarte Nunes trabalhava ou fornecia metais trabalhados para a capela de Santo Inácio da igreja do Gesù⁸. Assim se vê o ourives nascido em Lisboa envolvido na significativa campanha de enriquecimento artístico do altar do fundador da Companhia na igreja-mãe, realizada sob a coordenação de Andrea Pozzo (1642-1709), entre os últimos anos do século XVII e os primeiros do XVIII⁹.

⁶ *Idem*, fls. 7v.-8.

⁷ ARCHIVIO STORICO DI S. ELIGIO DEGLI OREFICI (Roma), *Nuovo Statuto del nobile collegio dell’Orefici ed Argentieri di Roma*, (...), Cap. 10: “*Debbano Li Maestri intervenire L’ultima Domenica di ciascun mese alla messa nella nostra Chiesa*”.

⁸ Cf. Costantino BULGARI – *op. cit.* Vol. I, p. 205.

⁹ Esta obra, iniciada em 1695, envolveu um elevadíssimo número de artistas (mais de 100), a fim de que a sua conclusão se efectivasse num breve lapso de tempo; acerca desta campanha cf. ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (Roma), Vols. 2056, 2057 e 2058 (*Libro Maestro, Giornale e Conti dei Operai*), nos quais o Padre Carlo Mauro Bonacino, a quem fora confiado o acompanhamento dos trabalhos, registou todos os dados – cit por Vittorio DE FEO – *Andrea Pozzo. Architettura e Illusione*. Roma: Officina Edizioni, 1988; acerca do altar de Santo Inácio veja-se também P. Aurelio DIONISI, SJ – *Il Gesù di Roma. Breve Storia e Illustrazione della Prima Chiesa Eretta dalla Compagnia di Gesù*. Roma: Residenza del



Fig. 1
Fragmento de planta actual de Roma, na qual se encontra assinalada a via del Pellegrino.

Nessa monumental campanha de construção de uma verdadeira obra de arte total, que envolveu artistas de diversas áreas e de múltiplas origens geográficas, terá decerto Duarte Nunes contactado nomeadamente com o ourives francês Thomas Germain (1673-1748), que tanto trabalhou para Portugal, bem como com os alemães Johann Adolf von Gaap (1667-1724) e Johann Friedrich Ludwig (1673-1752), que no ano de 1700 viajaria para o nosso país, onde conheceria grande fortuna junto de D. João V, tornando-se entre nós no célebre Ludovice.

Note-se a propósito que a intervenção de Ludovice no altar de Santo Inácio da igreja-mãe da Companhia revela antes de mais o fundidor, o perito no manuseamento e arte da fundição de metais, e muito concretamente do bronze, não tendo grande ocasião de evidenciar as suas capacidades de ourives¹⁰, à semelhança aliás do que se verifica com o

Gesù, 1996, pp. 101-109, Maria Pia D'ORAZIO – "Santissimo Nome di Gesù (Il Gesù)", in *Roma Sacra*. Ano III, N.º 9, Mai. 1997, pp. 59-60, Rudolf WITTKOWER. *Arte e Architettura in Italia 1600-1750*. Turim: Einaudi, 1993, p. 398 (1.ª edição 1972) e Robert ENGGASS – *Early Eighteenth-Century Sculpture in Rome. An Illustrated Catalogue*. Londres-Pennsylvania: University Park and London-The Pennsylvania State University Press, 1976, pp. 44-51.

¹⁰ Embora surja no registo dos pagamentos entre os "argentieri" (ourives) italianos – cf. ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (Roma), Vols. 2056, 2057, 2058, como também refere José TEIXEIRA – "J. F. Ludovice: As 'marcas' na ourivesaria", in AAVV – *I Congresso Internacional do Barroco. Actas*. Vol. II. Porto: Governo Civil do Porto – Reitoria da Universidade do Porto, 1991, p. 520.

compatriota Johann Adolf von Gaap e mesmo com o francês Thomas Germain, todos estrangeiros, no contexto de um panorama naturalmente dominado pelos ourives romanos, detentores de enorme perícia técnica e inerente prestígio. Decerto entre estes contava-se Duarte Nunes, então já plenamente integrado no ambiente romano.

Em 1700 o ourives português residia na *via del Pellegrino* – a rua dos ourives por excelência, na proximidade da chancelaria papal –, em concreto na terceira casa à direita de quem saía da *via dei Cappellari* (onde possuía igualmente oficina) [fig. 1]. No agregado familiar contava-se então a sua mulher, Giovanna Francesca Monaco, então com 24 anos, e três filhos: Giuseppe (futuro ourives), Nicola e Maria Antonia, com 5, 3 e 1 ano, respectivamente¹¹.

No ano de 1704 embora continuasse a morar e exercer a sua actividade na mesma rua, a *via del Pellegrino*, Nunes mudara todavia de casa, estando então estabelecido no segundo edifício à esquerda de quem saía do *vicolo di Sora*¹².

A sua integração plena no ambiente romano e, em concreto, no seio do seu grupo profissional, fica bem patente na circunstância de, entre os anos de 1714 e 1716, Duarte Nunes ter sido sucessivamente terceiro e quarto cônsul da poderosa corporação dos ourives romanos¹³. A 10 de Setembro de 1725, Duarte Nunes registava notarialmente a sua marca, descrita como “o mundo”, à qual não se consegue fazer corresponder uma imagem, visto que não foi observada em nenhuma peça sobrevivente atribuível a este ourives. Todavia, a mesma seria decerto muito semelhante àquela de seu filho primogénito e herdeiro da patente paterna, Giuseppe Nunes, constituída por um globo (o mundo) encimado por uma pequena flor-de-lis¹⁴.

Nesse mesmo ano de 1725 falecia a mulher de Duarte Nunes, Giovanna Francesca Monaco, e o ourives português casava de novo pouco depois. Continuava a residir numa casa da *via del Pellegrino*, agora com a sua segunda mulher, Teresa Lazzarini, de 35 anos, e três filhos ainda pequenos: Felice (11 anos), Cecilia (6 anos) e Costantino (2 anos), fruto ainda do seu primeiro casamento¹⁵.

Apesar da escassez de informação disponível, os elementos que até nós chegaram acerca da vida e actividade do ourives Duarte Nunes em

¹¹ Cf. Elisa DEBENEDETTI, (dir. de) – *op. cit.* Vol. I, p. 297.

¹² Cf. Costantino BULGARI – *op. cit.* Vol. I, p. 205.

¹³ Cf. Costantino BULGARI – *op. cit.* Vol. I, p. 205.

¹⁴ Cf. Anna Bulgari CALISSONI – *op. cit.*, N.º 774 (p. 318).

¹⁵ Cf. Elisa DEBENEDETTI, (dir. de) – *op. cit.*, Vol. I, p. 334.

Roma permitem desde logo afirmar não apenas a sua completa integração no ambiente romano e na corporação dos ourives, a que já se aludiu, mas também um papel relevante no universo da prática da ourivesaria, designadamente na sua vertente mais administrativa. Com efeito, a 14 de Dezembro de 1700 foi Duarte Nunes eleito ensaiador (*"bollatore"*) do ouro, em substituição de Giuseppe Masi. Consequentemente, no dia 16 de Janeiro de 1701, Nunes depositava o seu selo do ouro, cuja placa original ainda se conserva no Archivio di Stato di Roma¹⁶. O selo, figurando a umbela e as chaves cruzadas de S. Pedro, é aquele identificado com o N.º 59 por Costantino Bulgari e Anna Bulgari Calissoni¹⁷ [fig. 2].



Fig. 2. Marca usada por Duarte Nunes, enquanto ensaiador do ouro, Roma, 1701. Segundo Anna Bulgari CALISSONI – *Maestri Argenieri, Gemmari e Orafi di Roma*. Roma: Fratelli Palombi, 1987, N.º 59 (p. 27).



Fig. 3. Marca usada por Duarte Nunes, enquanto ensaiador do ouro, Roma, 1734. Segundo Anna Bulgari CALISSONI – *Maestri Argenieri, Gemmari e Orafi di Roma*. Roma: Fratelli Palombi, 1987, N.º 97 (p. 35).



Fig. 4. Marca usada por Duarte Nunes, enquanto ensaiador do ouro, Roma, 1740. Segundo Anna Bulgari CALISSONI – *Maestri Argenieri, Gemmari e Orafi di Roma*. Roma: Fratelli Palombi, 1987, N.º 97 e 98 a e b (p. 37).

Em 1727 Duarte Nunes ainda mantinha o seu cargo de *"bollatore dell'oro"*, sendo neste ano, concretamente a 22 de Novembro, nomeado seu coadjutor Giorgio de Martini, estando tal nomeação relacionada com o falecimento do outro ensaiador Bernardino Pazzini, em funções desde 1696¹⁸.

No ano de 1734 Duarte Nunes mantém o seu cargo e recebe dois novos selos, idênticos mas de dimensões diferentes (destinando-se o mais pequeno com toda a probabilidade à marcação dos anéis), desta feita com

¹⁶ Cf. Anna Bulgari CALISSONI – *op. cit.*, pp. 24-26.

¹⁷ Cf. Anna Bulgari CALISSONI – *op. cit.*, p. 27.

¹⁸ Cf. Anna Bulgari CALISSONI – *op. cit.*, pp. 24-32.

a tiara pontifícia e as chaves cruzadas de S. Pedro¹⁹. Nova alteração dos selos ocorre em 1740, passando os mesmos a representar apenas a tiara pontifícia²⁰ [figs. 3 e 4].

Em Fevereiro de 1740 pagou Nunes uma multa na sua oficina²¹, por razões que com precisão desconhecemos, no seguimento de uma das rigorosas vistorias efectuadas por membros da corporação dos ourives. Com efeito, o capítulo décimo segundo do já referido estatuto dos ourives romanos aborda a prática das visitas (veja-se vistorias) a efectuar por parte dos cônsules, síndicos e secretário a todas as “*Case, e botteghe si de professori, che de negotianti, regattieri, Coronari, ò altri, che in qualsivoglia modo contrattino oro, et Argento, e qualunque altra materia sottoposta alla revisione del Consolato*”²².

Nesse ano já residia Duarte Nunes, com a sua família, no primeiro andar de uma casa que faz esquina do lado direito de quem vem da *via del Pellegrino* na direcção do *vicolo Savelli*, pois aí surge referenciado entre 1739 e 1743²³.

Duarte Nunes faleceu na cidade de Roma, tendo sido sepultado na igreja do Gesù a 10 ou a 23 de Novembro de 1744²⁴, casa-mãe da Companhia de Jesus, onde quase cinquenta anos antes contribuía com o seu trabalho para a magnificência do altar de Santo Inácio.

0 subsequente funcionamento da oficina familiar

À frente da oficina familiar dos Nunes surge então o filho primogénito de Duarte: Giuseppe, o qual se viu confirmado na patente paterna a 12 de Junho de 1745²⁵.

¹⁹ Estes selos surgem com os números 97 e 98 nas já citadas obras de Costantino Bulgari e Anna Bulgari Calissoni (p. 35).

²⁰ Cf. Anna Bulgari CALISSONI – *op. cit.*, p. 37, N.ºs 97a e b e 98a e b.

²¹ Cf. Elisa DEBENEDETTI, (dir. de) – *op. cit.* Vol. I, p. 312, nota 141.

²² ARCHIVIO STORICO DI S. ELIGIO DEGLI OREFICI (Roma), *Nuovo Statuto del nobile collegio dell’Orefici ed Argentieri di Roma*, (...), fl. 10.

²³ Cf. Costantino BULGARI – *op. cit.* Vol. I, p. 205.

²⁴ As duas datas surgem na mesma obra: Anna Bulgari CALISSONI – *op. cit.*, p. 38 e p. 318.

²⁵ Cf. Costantino BULGARI – *op. cit.* Vol. I, p. 204 e Anna Bulgari CALISSONI – *op. cit.*, p. 318; segundo informação generosamente facultada por Jennifer Montagu (a quem muito agradecemos), Giuseppe Nunes já havia sido aceite pela congregação dos ourives do ouro a 14 de Janeiro de 1743 – cf. ARCHIVIO DI STATO DI ROMA (Roma), 30 Not. Cap., Uff. 6 (Sercamillus), busta 333, fl. 71-71v.

Em 1750, Giuseppe, então com 56 anos, vivia numa casa da *via del Pellegrino*, onde possuía a respectiva oficina, com sua mulher Anna Maria Gamba (de 46 anos e filha do também ourives Paolo Andrea Gamba), o filho Francesco de 20 anos, o irmão Antonio de 39 e a cunhada (decerto mulher deste último), Augusta Busnetti, de 25²⁶. Na mesma casa residia ainda Caterina Maltraversi, sogra de Giuseppe (viúva do ourives Paolo Andrea Gamba e ela própria oriunda de uma família de ourives) e duas crianças (Marianna de um ano e Agnese de um mês), sobrinhas de Giuseppe Nunes, filhas de seu irmão Antonio e da mulher deste, Augusta Busnetti.

Antonio não constava do agregado familiar paterno logo em 1725, residindo já então com o irmão mais velho, talvez devido à circunstância do pai ter contraído um segundo matrimónio com Teresa Lazzarini, após o falecimento da primeira mulher, mãe de Giuseppe, Giovanni Battista e Antonio. A proximidade ao irmão terá decerto determinado que lhe fosse confiada a direcção da oficina familiar entre os anos de 1751 e 1755, tendo para o efeito obtido a patente a 28 de Março de 1751. Desconhecemos os motivos que suscitaram o afastamento de Giuseppe da direcção mas tal poderá ter ficado a dever-se a motivos de saúde ou a uma eventual viagem, que o tenha afastado da cidade pontifícia.

Falecido Giuseppe no dia 8 de Maio de 1762, o filho Francesco – já inscrito como lavrante em 1749 – vê reconhecida a patente paterna a 30 de Janeiro do ano seguinte e assume a direcção da oficina familiar.

No ano de 1753 Francesco Nunes casara com Rosa Federici mas permaneceu integrado no agregado familiar paterno, pelo menos até 1779. Com efeito, em 1775, a família Nunes residia numa casa no *vicolo di Sora*, onde estava então igualmente instalada a oficina. O agregado familiar era então constituído pelos seguintes elementos: a viúva de Giuseppe Nunes, Anna Maria Gamba, Francesco, filho de Giuseppe e responsável pela oficina, sua mulher Rosa Federici e os oito filhos de ambos, Alessio (de 18 anos que estudava no Collegio Capranica)²⁷, Maddalena e Matilde (ambas

²⁶ Cf. Elisa DEBENEDETTI, (dir. de) – *op cit.* Vol. I, p. 378.

²⁷ O facto de Alessio, aparentemente o primogénito, estudar no Collegio Capranica parece indicar uma orientação deste filho de uma família de ourives para a carreira eclesiástica; com efeito, fundado em 1457 pelo cardeal Domenico Capranica (1400-1458) e ainda em funcionamento na actualidade, este colégio tinha por objectivo facultar formação adequada aos futuros sacerdotes (ficando o funcionamento do mesmo confiado à arquiconfraria do Santissimo Salvatore ad Sancta Sanctorum, da qual o cardeal fundador era membro), sendo, a partir do século XVI, a prossecução dos estudos ao nível superior efectuada pelos alunos no vizinho Collegio Romano, da Companhia de Jesus – cf. www.almocollegiocapranica.it.

igualmente com 18 anos), Antonio (de 16 anos), Filippo (então com 12 anos), que se tornaria pai do também ourives Vincenzo (1793-1747)²⁸, Giovanni Battista, Felice e Vincenza (respectivamente com 10, 8 e 6 anos)²⁹.

Em 1807 mantinha-se Francesco em actividade mas era já residente no *vicolo del Gonfalone*³⁰.

Da descendência do ourives português Duarte Nunes falta fazer referência ao segundo filho, Giovanni Battista, nascido em 1705, do seu casamento com Giovanna Francesco Monaco. Este filho de Duarte Nunes parece ter seguido uma via diversa daquela que seria a opção mais frequente ou previsível, a de se manter na oficina paterna. Assim, talvez porque não desejasse desenvolver uma actividade profissional sob as ordens de seu irmão primogénito, Giovanni Battista submeteu-se a provas com vista à obtenção de patente própria, o que se verificou a 24 de Setembro de 1747, e pôde assim dirigir a sua própria oficina, sob a insígnia da Fénix. Nesse mesmo ano, do seu casamento com Francesca Orsini, nasceu Pietro, também ele futuro ourives (submetido a provas a 26 de Abril de 1778 e patenteado a 31 de Maio seguinte).

Giovanni Battista Nunes teve todavia uma vida breve, vindo a falecer a 3 de Dezembro de 1749 e sendo sepultado na igreja de S. Lorenzo in Damaso. Será a sua viúva a dar continuidade à oficina por si criada (mudando a insígnia para “o Lírio”) e depois o segundo marido desta, Filippo Ottini, com quem casara em 1750³¹.

As obras de Duarte Nunes conhecidas através das notícias documentais

Lamentavelmente não puderam ainda ser identificadas obras nem chegaram até nós muitas notícias concretas acerca de obras de Duarte Nunes, é-nos todavia dado saber, como seria aliás espectável, que este ourives nascido em Lisboa mas fixado em Roma trabalhou para portugueses na cidade pontificia.

Com efeito, Duarte Nunes parece ter trabalhado logo desde 1708 para o conde das Galveias, André de Melo e Castro (1668-1753) – primeiro enviado e depois embaixador de Portugal em Roma, entre os anos de 1708 e 1728. Assim, pudemos identificar os diversos pagamentos ao

²⁸ Patenteado desde 10 de Dezembro de 1824, dirige uma oficina sob a insígnia de S. Felice – cf. Costantino BULGARI – *op. cit.* Vol. I, p. 206 e Anna Bulgari CALISSONI – *op. cit.*, p. 319.

²⁹ Cf. Elisa DEBENEDETTI, (dir. de) – *op. cit.* Vol. I, p. 423.

³⁰ Cf. Elisa DEBENEDETTI, (dir. de) – *op. cit.* Vol. I, p. 397.

³¹ Cf. Costantino BULGARI – *op. cit.* Vol. I, p. 204 e Anna Bulgari CALISSONI – *op. cit.*, p. 319.

“*ourives Duarte*” (como curiosamente surge mencionado nos registos de despesas da missão diplomática portuguesa em Roma).

Nos anos de 1708 e 1709 identificam-se cinco pagamentos sempre relativos a pequenos trabalhos, devendo todavia destacar-se dois: um de dezasseis escudos e oitenta baiocos romanos “*por huma medalha de ouro, que se deue a hum frances, que fes o dezenho da primeira carroça*” e um outro de 119 escudos e 60 baiocos romanos “*por pezo e feitio de duas saluas grandes à imitação das que uierão de Portugal*”. Se o primeiro pagamento detém o interesse de revelar indirectamente a intervenção de um francês como projectista de um coche para o serviço do diplomata português, o segundo testemunha a circunstância curiosa de ter então realizado este ourives português duas salvas de prata que imitavam outras vindas de Portugal³².

Desconhecemos de que tipo de salvas se tratasse mas bem poderiam ser peças pertencentes a um momento cronologicamente anterior mas que eram então ainda muito apreciadas. Tal circunstância era aliás frequente, como bem o atestam as salvas quinhentistas portuguesas que receberam armas dos seus proprietários setecentistas. É bom exemplo da situação que acabamos de enunciar a magnífica salva com pé, de manufactura portuguesa, datável da segunda metade do século XVI, e actualmente constante das colecções do Palácio Nacional da Ajuda, que se viu no século XVIII acrescida de um medalhão central com as armas de D. Gaspar de Bragança (1716-1789), filho natural de D. João V (um dos Meninos de Palhavã), feito arcebispo de Braga no ano de 1757, o que bem denota o apreço por tal peça³³ [figs. 5 e 6].

Alguns anos volvidos, ao mesmo ourives adquiriu o conde das Galveias um relicário de prata que, pela sumária descrição, se pode presumir ser da muito adoptada e difundida tipologia do relicário-ostensório,

³² Estes pagamentos a Nunes encontram-se todos em BIBLIOTECA DA AJUDA (Lisboa), Ms. 49-IX-9 e são os seguintes: fl. 29: 16,80 *scudi* “*Dei ao ourives Duarte desaseis scudi e oitenta baiocos por huma medalha de ouro, que se deue a hum frances, que fes o dezenho da primeira carroça*”; fl. 29v: “*Dei ao ourives Duarte cento, e uinte scudi, a saber, cento e dezanoue scudi, e sessenta baiocos por pezo e feitio de duas saluas grandes à imitação das que uierão de Portugal, e 50 scudi por conserto que fes a hum candieiro ---- 120.*”; fl. 39: pagamento ao ourives Duarte 17,65 *scudi* do candeeiro de latão prateado e de “*huma pouzada*” (ou seja, um talher); fl. 40v: pagamento ao ourives Duarte de 32 *scudi* (por trabalhos não especificados); fl. 41: pagamento ao ourives Duarte de 31 *scudi* (por trabalhos não especificados).

³³ A salva em questão possui o N.º Inv. 5157. Das mesmas colecções do Palácio Nacional da Ajuda consta uma outra salva com idênticas características e igualmente com as armas de D. Gaspar de Bragança (N.º Inv. 5158) – veja-se Isabel Silveira GODINHO, (coord. de) – *Tesouros Reais*. 2.ª edição. Lisboa: Palácio Nacional da Ajuda – Instituto Português do Património Cultural, 1992, pp. 226-227, N.º 335 e N.º 336 (1.ª edição 1991).



Fig. 5. Salva com pé, ostentando as armas de D. Gaspar de Bragança. Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa (Inv. 5157); séc. XVI (2.^a metade) e séc. XVIII; prata dourada; 212mm x 312mm. Fotografia publ. por Isabel Silveira GODINHO, (coord. de) – *Tesouros Reais*. 2.^a edição. Lisboa: Palácio Nacional da Ajuda – Instituto Português do Património Cultural, 1992, p. 226, n.º 335.



Fig. 6. Salva com pé, ostentando as armas de D. Gaspar de Bragança – pormenor. Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa (Inv. 5157); séc. XVI (2.^a metade) e séc. XVIII; prata dourada; 212mm x 312mm. Fotografia publ. por Isabel Silveira GODINHO, (coord. de) – *Tesouros Reais*. 2.^a edição. Lisboa: Palácio Nacional da Ajuda – Instituto Português do Património Cultural, 1992, p. 227, n.º 335.



Fig. 7. Relicário, 1723, Filippo Galassi (1685-1757), Santuário de Nossa Senhora da Conceição, Vila Viçosa; prata repuxada sobre madeira; 400mm (alt.) x 205mm (larg.).



Fig. 8. Relicário da Veste de Cristo (?), c. 1729-1730, oficina familiar dos Arrighi, Palácio Nacional de Mafra (Inv. PNM394); 574mm (alt.) x 344mm (larg.).

da qual existem numerosos exemplos em Portugal [figs. 7 e 8]³⁴, e cujo pagamento ficou saldado a 8 de Agosto de 1725: “*scudi quattordici per*

³⁴ Como a nossa investigação tem permitido constatar; tivemos ocasião de dar notícia deste mesmo aspecto em algumas publicações como: Teresa Leonor M. VALE – “Cruz-Relicário”, in Helena OLIVEIRA, Teresa Freitas MORNA, (coord. de) – *Museu de São Roque*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2008, p. 69, Teresa Leonor M. VALE – “Reliquary”, in Michael SNODIN, Nigel LLEWELLYN, (coord. de) – *Baroque 1620-1800: Style in the Age of Magnificenc*. Londres: Victoria & Albert Museum, 2009, p. 344 (n.º 101), Teresa Leonor M. VALE – “só para ostentação da magestade, e grandeza’. Aproximação à encomenda de ourivesaria barroca italiana para a basílica de Nossa Senhora e Santo António de Mafra”, in *Revista de Artes Decorativas*. Porto: Escola das Artes-Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto, N.º 2, 2008, pp. 19-44, Teresa Leonor M. VALE – “Obras de Ourives Italianos em Portugal no Século XVIII – os relicários ostensório dos Arrighi e de Antonio Gigli: exemplos da difusão de um modelo”, in Gonçalo Vasconcelos e SOUSA, (coord. de) – *Actas do II Colóquio Português de Ourivesaria*. Porto: Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes da Universidade Católica Portuguesa, 2009, pp. 81-97.

*saldo di un reliquario d'Argento ad uso di custodia fatto per servizio di Sua Eccellenza per metterui una Reliquia di San Benedetto*³⁵.

As contas relativas a trabalhos realizados por Duarte Nunes, ainda durante a embaixada do conde das Galveias, parecem ter sido saldadas a 9 de Abril de 1728 quando se regista um pagamento de 8 escudos e 35 baiocos: “*Per intero pagamento ad uso d'Orefice, o sia argentiero di robbe fatte, e lavori per servizio di Sua Eccellenza*”³⁶.

Quanto ao trabalho de Giuseppe Nunes, é nas obras de Costantino Bulgari e Anna Bulgari Calissoni que pode encontrar-se a única referência que até ao presente pudemos identificar: alguns talheres, nos quais foi reconhecida a sua marca – o Mundo encimado por uma flor-de-lis – e que ostentavam igualmente a marca da contrastaria de Roma correspondente aos anos de 1755-1757³⁷.

Breves considerações finais

Ido de Lisboa em data ainda por precisar mas já certamente em Roma no ano de 1685, Duarte Nunes foi um ourives português que obteve a sua patente na cidade pontifícia e aí não apenas desenvolveu a sua actividade profissional, como se tornou um membro relevante da poderosa congregação dos ourives romanos e fundou uma família na qual se contam diversos elementos ligados à arte do ouro e da prata. Sendo bem mais frequente a presença, se não de ourives, de obras de ourivesaria italiana no nosso país, esta presença de um ourives português no contexto da Roma barroca não deixa de ser uma interessante excepção, tornando clara a aparentemente fácil integração deste profissional português num ambiente marcado por um elevado nível de concorrência, decorrente do igualmente elevado nível de qualidade das obras produzidas.

³⁵ BIBLIOTECA DA AJUDA (Lisboa), Ms. 49-VII-9, fl. 137v.

³⁶ BIBLIOTECA DA AJUDA (Lisboa), Ms. 49-VIII-9, fl. 94.

³⁷ Ou seja, o n.º 122 de Bulgari e Bulgari Calissoni – cf. Anna Bulgari CALISSONI – *op. cit.*, p. 318.

ANEXO: Árvore genealógica da família Nunes (num documento autónomo).

